

**Cerimônia de Posse de
Thais Porlan de Oliveira e Rogério Duarte do Pateo
na Diretoria da Fafich**

10 de novembro de 2023

Discurso do ex-diretor, Bruno Pinheiro Wanderley Reis

Senhora Reitora da Universidade Federal de Minas Gerais,
Professora Sandra Regina Goulart Almeida,

Senhor Vice-Reitor da UFMG, Professor Alessandro Fernandes Moreira,

Senhora Diretora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG,
Professora Thais Porlan de Oliveira,

Senhor Vice-Diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG,
Professor Rogério Duarte do Pateo,

Meu caríssimo colega,
Professor Luiz Duarte Haele Arnaut,
em cuja pessoa saúdo e agradeço a todas as pessoas presentes.

Hoje é dia de festa e celebração. Meu lugar na festa é a do anfitrião provisório que passa a chave da casa e pede licença. Mas a nova regente da orquestra me pediu umas palavras, talvez caiba um testemunho, uma pequena síntese pessoal.

Há uma palavra em inglês que eu gosto muito, e lamento não encontrar correspondente fácil em português: “*humbling*”. Tornar humilde. “*A humbling*

experience.” Se você botar no tradutor do Google, vem “uma experiência humilhante”... Mas é o contrário.

Nós acadêmicos temos opinião sobre tudo, e uma confiança grande nessas opiniões. Mas quase sempre viveremos toda a vida na província institucional de nossos departamentos. A Diretoria de uma Faculdade, com certeza de uma unidade como a Fafich, te muda de emprego: muda sua lotação, muda o andar em que você trabalha e os caminhos que você frequenta. Muda as pessoas com quem você interage. Muda, drasticamente, a janela pela qual você contempla a Universidade. Muda você. Contemplar a máquina deste pequeno mundo é uma experiência de *letramento institucional* que te torna mais humilde. Uma experiência... *humbling*.

Virou pra mim um bordão, uma ladainha que repito sem parar: existe a comunidade e existe a instituição. A comunidade talvez seja o ativo *mais valioso* da instituição, a começar por seu corpo discente, esta parcela da comunidade que é uma amostra, sempre móvel, do grande público externo a que todos servimos. E que se compõe também de sua parcela mais permanente, mas ainda e sempre transitória, nós, servidores docentes, técnicos e administrativos. Valiosa que seja esta comunidade, *e ela é valiosa*, a instituição *não serve* a ela, mas à cidadania, ao público externo, ao mundo.

Somos nós os servidores. Nós servimos à universidade e, por meio dela, ao público. E, de um modo talvez paradoxal, essa condição de servidor da universidade nunca é mais forte, mais palpável – mais *humbling* – do que quando vivemos a ocasião de servir como seus dirigentes.

Com frequência a instituição e sua comunidade terão prioridades e interesses distintos. *Legitimamente* distintos. Até por isso existem (e são indispensáveis) as associações civis, privadas, que nos representarão, estudantes e servidores, junto à instituição e ao público: nossas associações, sindicatos e entidades estudantis.

Nessas horas, a instituição, por mais que deva *ouvir* sua comunidade, não se pode *subordinar* a ela. A instituição não pode se expressar ou justificar seus atos, publicamente, pelas inclinações de sua comunidade, legítimas que sejam estas últimas. Mas apenas por seus órgãos e instâncias institucionais. Não sou *cidadão* da universidade, muito menos durante os eventuais períodos em que sirvo como seu dirigente. Sou, a todo tempo, seu *funcionário*.

O público a quem servimos, em sua esmagadora maioria, estará sempre fora daqui: nas ruas, nas fábricas, no campo, nas vilas, nas empresas, nas igrejas, nas reservas indígenas, nos quilombos. A esse público externo, à cidadania, a ela tem de responder a instituição, pelos instrumentos e instâncias institucionais plasmadas na lei, sob a vigência do Estado de Direito – ele sim, democrático.

Se nos perdemos na indistinção entre a instituição e sua comunidade, voltamo-nos para nós mesmos, nossas prioridades e conveniências pessoais e transitórias, perdemos a conexão e o lastro no mundo externo, nossa razão de ser, e nos perdemos, à deriva, na autocontemplação fútil, vulneráveis à desqualificação política, com fins demagógicos.

Não sou um gestor capaz. A vida toda, mal consegui gerenciar meu tempo, que dirá dezenas de fluxos paralelos, entrecruzados, interdependentes, e as rotinas das pessoas responsáveis por cada um deles. Meu mandato, se mérito teve, foi quase o oposto: disponibilizar-me. Procurei me manter atento, me desapeguei de qualquer rotina ou compromisso profissional anterior, me abandonei passivamente receptivo à agenda do dia, talvez procurando corrigir formas e enquadramentos, mas minimalista na intervenção, incapaz de conceber organogramas ou fluxos distintos dos existentes. Como eu dizia já na posse, um servidor com uma função, bem mais que um mandatário com um programa.

Mas na medida mesma em que algumas rotinas voltam (ou chegam) a alguma forma específica, objetivos institucionais decantam com mais clareza e se impõem, se fazem escolher, mal se pode dizer que os escolhemos. E nem todo mundo será tão, digamos, contemplativo.

Ser gauche na vida, como ensinou Adélia Prado, é maldição pra homem. Mulher é desdobrável. E eu pude ver.

Procurei me manter atento e disponível também em casa, mas é claro que a absorção na Diretoria cobra seu pedágio em outros pontos da vida. E, além de reduzida, a mera disponibilidade, com o seu elemento de passividade, nem sempre terá sido suficiente. Fatinha, sempre, carregou o andor, segurou o rojão, não sem sofrimento, nas duplas, triplas jornadas invisíveis, ainda tão assimetricamente femininas. Espero algum dia conseguir fazer por merecer, ou pelo menos estar à altura de compensar.

De Sandra – e Alessandro – eu disse lá em 2019 que ficaria na história da instituição o exemplo de liderança firme e de entrega pessoal à causa da universidade naquela hora difícil. Hoje já não é um vaticínio. Todo mundo já viu, todo mundo sabe disso.

Na hora mais difícil, foi sempre e ainda tem sido um reitorado institucionalizador, em que normas, rotinas e padrões ganharam novas formas oficiais, proporcionando um chão firme por onde fica bem mais fácil uma Diretoria caminhar. Isso vale, é bem claro, para toda a universidade, mas quero agradecer pessoalmente o privilégio de servir com essa Reitora infatigável, tão profundamente comprometida com a causa.

Ao lado de Thais Porlan, na Diretoria da Fafich, vivi a alegria permanente da ótima companhia e o aprendizado da crítica cotidiana ao trabalho em curso, que nos empurra sempre adiante. E, acima de tudo, desfrutei o privilégio de contemplar o arco completo: desde a estagiária da Diretoria, passando pelo luxo de uma secretária-executiva claramente hiperqualificada para o cargo, codiretora plena, mesmo ainda

premiada sob a necessidade das aulas, da atuação na pós-graduação com programa em consolidação e envolvimento em INCT.

Até que no final pude viver, na condição privilegiada de assessor da virtual Diretora, a gestação proativa, enérgica, visionária, de outra Diretoria: reestruturada, mais complexa, com divisão interna de tarefas, funções e assessorias, e frentes de atuação distintas entre Diretora e Vice-diretor. E de um Projeto de Desenvolvimento Institucional que é, antes de mais nada, uma tentativa sincera de fazermos jus à dotação de recursos provenientes da atuação da UFMG no apoio ao júízo sobre a tragédia de Brumadinho, e que poderá prover um norte institucional que a Faculdade há décadas não consegue sequer imaginar, que dirá implantar. Foi bonito de se contemplar Thais mergulhada na tarefa de levantar do chão o PDI.

Imagino que a presença de Rogério do Pateo na chapa da Thais, na minha sucessão, terá surpreendido não pouca gente. Mas é muitíssimo bem-vindo. Sua atuação nos meses anteriores, em sua segunda passagem pela chefia do Departamento de Antropologia e Arqueologia (nosso departamento caçula, pela primeira vez na Diretoria), qualificou-o com grande naturalidade, apresentando-se com desenvoltura e proatividade na atuação institucional. Chefe antropólogo, em poucos meses levou a Congregação a rever decisão anterior (cara ao Diretor de plantão) em favor de uma irrecusável reutilização de espaços tão necessários à operação da área, emergente na casa, da Arqueologia. Obrigado por dispor-se, Rogério. Vai dar nova energia e vitalidade à Direção da Fafich.

Com Thais e Rogério, temos muito mais que uma plataforma ou programa de ação; temos um processo de inovação institucional, reinstitucionalização funcional da Diretoria e um horizonte de recuperação de estruturas acadêmicas carentes de atualização.

No que me toca, a hora é de voltar para o meu emprego, mais plenamente para minha família. Profundamente grato pela ocasião de servir, pelo aprendizado, enriquecido de humildade.

Para a Fafich, o melhor está por vir.

Muito obrigado.